

## **A Feira das Iabás em Madureira / Rio de Janeiro: comida, música e cultura afro-brasileira**

**Maria Alice Rezende Gonçalves**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Bolsista PROCiência / FAPERJ – Programa de Incentivo a Produção Científica, Técnica e Artística

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6120-554X>

E-mail: [marialicerezende@uol.com.br](mailto:marialicerezende@uol.com.br)

**Resumo:** Durante a década de 2010 o governo brasileiro, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), volta-se para a salvaguarda de bens culturais que compõem o chamado patrimônio imaterial. Bens como o ofício das “baianas do acarajé” e o “samba do Recôncavo Baiano” são tombados e neste contexto de valorização e preservação do patrimônio imaterial manifestações culturais são criadas, preservadas ou recriadas. Em 2008, a Feira das Iabás, evento voltado para comida e música é criado em Madureira / Rio de Janeiro. O reconhecimento da festa como patrimônio cultural imaterial valoriza as práticas de grupos sub-representados na sociedade brasileira. Não há garantia de continuidade da festa, ficando esta a cargo de iniciativas de lideranças das associações da localidade. Na Feira, comida e música são compartilhadas, servindo de elos que mantêm os afro-brasileiros unidos em redes de solidariedade e reciprocidade, tornando-se uma forma de expressão e consolidação da etnicidade afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Festa; Comida; Música; Patrimônio; Cultura afro-brasileira.

### **The Iabás Fair in Madureira / Rio de Janeiro: food, music and afro-brazilian culture**

**Abstract:** During the decade of 2010 the Brazilian government, through the Institute of National Historical and Artistic Heritage (IPHAN), returns to the safeguarding of cultural assets that make up the so-called intangible heritage. Goods like the craft of the “baianas do acarajé” and the “samba of the Recôncavo Baiano” are listed and in this context of appreciation and preservation of intangible heritage, cultural manifestations are created, preserved or recreated. In 2008, the Iabás Fair, an event focused on food and music, was created in Madureira / Rio de Janeiro. The recognition of the festival as intangible cultural heritage values the practices of underrepresented groups in Brazilian society. However, there is no guarantee of the festival’s continuity, as this relies on leaderships of local associations. At the fair, food and music are shared, serving as links that keep Afro-Brazilians united in networks of solidarity and reciprocity whilst becoming a form of expression and consolidation of Afro-Brazilian ethnicity.

**Keywords:** Festival; Food; Music; Heritage; Afro-brazilian culture.

**Texto recebido em: 14/04/2019**

**Texto aprovado em: 29/05/2019**

A comida, além de alimento, pode ser entendida como a liga, o fato social total<sup>1</sup>, que conectando as pessoas, cria identidades e fortalece etnicidades. Assim, não se trata de um fenômeno pronto, ele está permanentemente em diálogo com outras culturas e constantemente sendo reelaborado. Assim, pressupomos que a culinária afro-brasileira, não veio como os africanos escravizados, ela foi sendo construída ao longo dos tempos. Deste modo, a feijoada, é um prato em construção, ora é considerado prato da culinária afro-brasileira, ora nacional.<sup>2</sup> Encontramos na Feira das Iabás, festa popular de matriz africana que acontece na Grande Madureira, zona suburbana da cidade do Rio de Janeiro, um bom exemplo para discutirmos os significados simbólicos da alimentação bem como a importância dela para a construção e fortalecimento de etnicidades.<sup>3</sup>

Este artigo tem como objetivo apresentar e descrever O evento Feira das Iabás<sup>4</sup> como uma manifestação cultural contemporânea que guarda a matriz africana e dialoga com as políticas de reconhecimento da cultura imaterial e da diversidade cultural brasileira. Consideramos que a feira tem como objetivos: a promoção da sociabilidade, a valorização da identidade e da cultura dos afro-brasileiros além do empoderamento das lideranças negras da comunidade por meio da comida e da música. As Iabás, cozinheiras e lideranças comunitárias, estendem os laços de solidariedade e reciprocidade para além da comunidade por meio da comida, do cuidado e da musicalidade. Cabe informar que: Madureira e seus arredores conhecida como a Grande Madureira reúne várias instituições artísticas, religiosas e culturais negras. A feira nos faz refletir como a comida pode se tornar símbolo de etnicidade agregando pessoas, bairros e cidade, aproximando estranhos por meio de laços de solidariedade, reciprocidade e afetividade. Assim, as iabás, cozinheiras, tornam-se “tias” de todos ao estenderem as relações não consanguíneas acolhendo todos os moradores da cidade.

### **A Feira das Iabás como patrimônio imaterial**

Nossas observações nos conduziram a adoção da interpretação da nação como diversa e plural tanto culturalmente quanto etnicamente. A constituição federal em 1988 amplia sua concepção de patrimônio cultural reconhecendo bens de natureza material e imaterial, incluindo, assim, os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Durante a primeira década dos anos

2000 o governo brasileiro, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), volta-se para a salvaguarda desses novos tipos de bens culturais chamados de patrimônio imaterial, criando uma legislação específica bem como ações de salvaguarda. Nesta mesma década são tombados vários bens como o ofício das baianas do acarajé e o samba do Recôncavo Baiano – comida e música de matriz africana adquirem a posição de bens nacionais. É neste contexto de valorização e preservação do patrimônio oral e imaterial que festivais e manifestações culturais são criadas, preservadas ou recriadas. Trata-se de um campo de tensões e lutas onde se disputa a autoria das manifestações culturais oscilando entre o nacional e/ou étnico. O próprio IPHAN tratará os dois bens culturais citados como bens imateriais nacionais não se preocupando com o caráter étnico desses. Além disso, podemos afirmar que não existe patrimônio puramente imaterial, ele será sempre composto de traços materiais. E, que o contexto atual de valorização do patrimônio imaterial nacional tem estimulado a criação, recriação e preservação de festas como a Feira das Iabás.

Em 2008, no Rio de Janeiro, foi criada a Feira das Iabás – festa gastronômica e musical conduzida pelas lideranças femininas da comunidade de Oswaldo Cruz, subúrbio da cidade, que abriga várias instituições que preservam as matrizes africanas. Todo segundo domingo de cada mês em Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro, dezesseis cozinheiras, lideranças das comunidades negras, se reúnem na Feira das Iabás. Abençoadas pelos orixás femininos, oferecem comida e música para seus frequentadores. Por meio desta feira podemos pensar nas recentes manifestações culturais tornadas patrimônios imateriais nacionais pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Brasileiro (IPHAN): o ofício das baianas do acarajé e o samba do Recôncavo baiano. Assim, o ofício das baianas (cozinheiras / vendedoras de rua), a comida (acarajé), e a música (samba). A feira de Oswaldo Cruz mistura esses elementos: a comida popular e étnica, o samba e a sociabilidade. Aqui, a comida e a música servem de elo que mantém unida à comunidade afro-brasileira da Grande Madureira conectando-a com o resto da cidade. Durante toda a festa circulam pessoas e grupos advindos de toda a cidade.

Como podemos observar durante a visita à Feira das Iabás, que o campo do patrimônio envolve vários atores como: as populações locais e suas associações, os representantes do governo, a mercantilização de culturas étnicas, a difusão dos eventos e ações por meio das mídias digitais, instituições internacionais, os meios de comunicação de massa e a educação (sistema de ensino) e a cultura nacional.

Apesar das contradições e lutas por afirmação de identidades étnicas no mundo contemporâneo, os eventos, como a Feira das Iabás, têm servido para afirmar identidades bem como fortalecer etnicidades por meio da construção ou reconstrução de práticas tradicionais ou contemporâneas. Não se trata de uma interpretação essencialista da cultura e sim de uma posição estratégica onde os procedimentos e ações reforçam a vinculação de determinada manifestação cultural ao conjunto de manifestações que constroem a cultura do grupo e conseqüentemente sua etnicidade. O reconhecimento da feira como um evento que mantém a matriz africana implica na adoção de uma interpretação política do evento pensada como uma posição estratégica construtora da etnicidade do grupo afro-brasileiro.<sup>5</sup>

### **Orixás e cozinheiras & religiosidade e sociedade**

A tradicional participação de mulheres nas feiras africanas é recriada na Feira das Iabás. A presença simbólica das tias cozinheiras e da comida de santo foram incorporadas ao cotidiano do brasileiro, constatada nas influências ocorridas na culinária nacional, na venda de comidas por baianas nas praças e ruas e na presença da religiosidade afro-brasileira em diversas cidades. No que tange à liderança religiosa na África ela está nas mãos dos homens, no Brasil se deu o inverso, foi deslocada para as mulheres. Segundo LANDES (2002) as mulheres formaram os primeiros candomblés na Bahia. A autora sugere que o candomblé exaltou o poder feminino. Bernardo (2005) destaca o fato de que na África é o homem que detém o poder, mais a troca ocorre quando se trata do comércio, pois nesse negócio a mulher ganha grande repercussão e autonomia. Para ela, ancorada em relatos do antropólogo Pierre Verger (1986), a atividade de troca que ocorre nas feiras parece ser de importância incontestável para as mulheres iorubás, pois elas se submetem à separação de suas famílias: quando jovens, deixam seus lares para ir comercializar em mercados distantes; quando idosas, mandam suas filhas para as feiras importantes e permanecem próximas a suas casas com seus tabuleiros, ou, então, abrem pequenas vendas (VERGER, 1986, p. 2). A autora explica que nas feiras também ocorrem as trocas dos chamados bens simbólicos, que são valores, notícias, danças, receitas e até tradições. Percebe-se, assim, que o papel da mulher iorubá vai além do desempenhado nas atividades econômicas. Ela é mediadora não

só das trocas de bens econômicos, como também das de bens simbólicos permitindo assim à mulher um papel fundamental na vida africana.

No século XVII, as feiras e mercados iorubás isolados se articulavam em uma grande rede, ao mesmo tempo em que ocorria o processo de urbanização das cidades. Data dessa mesma época a fundação de duas associações femininas importantes: a sociedade Ialodê e a Gueledê, acrescenta Bernardo. Ialodê era uma associação feminina cujo nome significa “senhora encarregada dos negócios públicos”. Sua dirigente tinha lugar no conselho supremo dos chefes urbanos e era considerada uma alta funcionária do Estado, responsável pelas questões femininas, representando, especialmente, os interesses das comerciantes. (VERGER, 1986, p. 4). A Gueledê era outra associação feminina, onde as mulheres eram encarregadas das trocas de bens simbólicos. A autora explica que essa volta ao passado possibilita simplesmente alcançar uma profundidade histórica, onde a África é percebida como fonte. Na diáspora Atlântica, onde toda uma tradição milenar foi perpassada e incorporada a novos elementos nas Américas, o sincretismo foi a forma de explicar certos hibridismos culturais e religiosos. Com isso, cargos como “Ialodê” ganhou uma ressignificação no Brasil se tornando um título para mulheres importantes no candomblé, ou seja, o que era uma associação transformou-se no Brasil em título cuja substância tinha a ver tanto com o comércio quanto com a religião.

Os exemplos de Bernardo (2005) significam que a distribuição de papéis masculinos e femininos é realizada pela cultura, ou seja, são construções sociais. Os papéis da mulher e do homem são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. Assim as tarefas atribuídas aos homens e às mulheres podem ser socialmente compreendidas e atribuídas às assimetrias de gênero refletindo o modo como os grupos em diversos períodos históricos, classificam ou classificaram as atividades de trabalho na esfera pública e privada. Conclui-se que os papéis sociais masculinos e femininos não são fixos, desse modo, podem ser repensados em busca da equidade de gênero. Nesse sentido os arquétipos dos orixás femininos apropriados pelas tias e donas cozinheiras instrumentalizam a construção de mulheres agregadoras tanto para as associações a qual estão vinculadas quanto para com os moradores da cidade.

Sobre as famílias escravas, o historiador R. Slennes (2011) em sua obra *Na senzala, uma flor – esperanças e recordações da família escrava* contraria a crença presente na bibliografia clássica sobre a família escrava no Brasil que supõe que os

africanos escravizados no Brasil não constituíam famílias e o resultado teria sido uma absoluta falta de nexos e normas sociais. Para o autor, a descoberta de que havia famílias escravas causa certo impacto. O registro de casamentos estáveis é identificado em relatos, processos e inventários nas regiões de café e açúcar durante a escravidão, fontes que permitem investigar a valorização do casamento e do parentesco. A família extensa baseada em laços não consanguíneos também era uma estratégia de organização familiar. Esta segunda possibilidade nos permite explicar a vinculação afetiva e os laços não consanguíneos presentes nas comunidades negras brasileiras que são alimentadas até hoje.

Durante o tráfico negreiro, as relações estabelecidas nos navios negreiros e posteriormente no convívio no cativeiro foram institucionalizadas a partir de novas relações sociais. Relações parentais a partir da vinculação do africano escravizado com o navio negreiro onde ele fez a travessia foram criadas. Os escravizados chegaram, até mesmo, a se organizarem em associações e adotarem o nome do navio usado na travessia e que os mantinham conectados, unidos, estabelecendo vínculos de parentesco não consanguíneo, e assim, formando uma família extensa. Fenômeno semelhante é observado nas associações negras contemporâneas onde seus integrantes assumem um “nome social” que incorpora o nome da associação religiosa ou da escola de samba. Isto lhes dá prestígio e produz vínculos afetivos além de fortalecer relações de parentesco não consanguíneo. São formados verdadeiros clãs a partir das relações estabelecidas e fortalecidas pelos vínculos não consanguíneos criados nas associações. Podemos citar como exemplo o sambista Paulo Benjamin de Oliveira, o Paulo da Portela. Ele foi uma liderança negra ligada a uma das mais tradicionais escolas de samba da região, o Grêmio Recreativo Escola de Samba da Portela. Cabe observar que Paulo da Portela e outras figuras emblemáticas do samba incorporaram como sobrenome o nome da associação carnavalesca.<sup>6</sup> No bairro de Oswaldo Cruz, na Grande Madureira, encontramos a Praça Paulo da Portela, local onde a Feira das Iabás se realiza. Essa homenagem ao compositor reforça a importância das personalidades negras tanto para o mundo do samba quanto para a comunidade negra local contribuindo, também, para ratificar o bairro de Oswaldo Cruz como o “berço do samba”.

Segundo a tradição iorubana a separação do mundo dos homens e dos orixás se deu a partir da violação de uma interdição. Desde então os dois mundos permanecem separados para sempre. No Orum habitam os orixás e no Aiyê habitam os homens. Depois que Olorum, deus supremo, criou os orixás, ele não

mais se intrometeu na vida dos homens deixando tudo nas mãos dos orixás. Assim, cada ser humano é filho espiritual de um orixá, herdando dele suas características físicas e de personalidade. Segundo Prandi (2007), Ifá, o adivinho, conhece todas as histórias que num passado remoto foram vividas pelos deuses e pelos homens. Quando se conhece as histórias do passado é bem fácil adivinhar o presente e o futuro. Para tal, basta saber qual história do passado é aquela que estamos revivendo, acreditam os iorubás. A conexão entre o mundo dos homens e dos orixás se manifesta na vida cotidiana. Cada pessoa possui seu orixá e dele vem a proteção espiritual. O vocábulo iabá se refere tanto aos orixás femininos quanto às cozinheiras. Assim, é possível pensar como os orixás femininos são responsáveis e inspiram o empoderamento das mulheres negras no presente, suas atividades como cozinheiras e porta-vozes de sua comunidade. Recebendo títulos afetivo, hierárquico e honorífico de “tia ou dona”, as lideranças femininas passam a ser conhecidas como tal. Desta forma os laços não consanguíneos que fortalecem as comunidades negras brasileiras são reforçados. Tudo o que acontece na vida dos homens está nas mãos dos orixás. Desse modo, nos propomos a realizar uma leitura da feira a partir de referências da cultura iorubana trazidas para o Brasil no final do século XIX por africanos escravizados, destacando sua visão de mundo e sua influência nas práticas sociais, e na organização no festival Feira das Iabás.<sup>7</sup> Cabe destacar que as manifestações culturais negras contemporâneas não são puras e dialogam permanentemente com a sociedade do presente.

Para além do nome da festa, as referências à religiosidade iorubana estão presentes nas práticas das matriarcas, seja no que diz respeito à liderança seja no que se refere a religiosidade. A concepção de tempo iorubana é holística, ou seja, não há fragmentação da vida em campos distintos como tempo: do trabalho, da religiosidade ou da ludicidade. Essas partes não estão desassociadas, e sim integradas, conectadas à vida. Esse festival pode ser pensado a partir de vários pares que dialogam formando um mosaico e ao mesmo tempo um contínuo que revela aspectos de uma cultura de matriz africana. São eles: gênero e religiosidade, gastronomia e sociabilidade e musicalidade e sociabilidade. Pretendemos, portanto, seguir os caminhos indicados por esses pares que se complementam e dialogam. Esses polos nos ajudam a compreender a fenômeno Feira das Iabás.

O tráfico negreiro, que perdurou do século XVI ao XIX, fez surgir no novo mundo às culturas afro-americanas produtoras de instituições, relações sociais adaptadas e moldadas aos contextos em que elas se desenvolviam. Companheiros

de barco, durante o que se chamou “passagem do meio” e no cotidiano escravocrata, os africanos foram estimulados a criarem e adaptarem sua religiosidade, suas crenças, festivais e novas relações de parentesco responsáveis pela criação de famílias extensas e laços de parentesco consanguíneos e não consanguíneos. As relações de parentesco não consanguíneas e os títulos honoríficos se mantêm como uma das características das comunidades negras e apontam para a estrutura usada pelas associações negras. A culinária popular de base religiosa promove a sociabilidade local e se estende à cidade, a musicalidade estreita laços de afeto e consolida gostos musicais entre os locais e os demais moradores. Segundo Gonçalves (2007) a feira reconecta o que estava fragmentado, reproduzindo a noção de holística da vida onde todas as partes se comunicam, interagem e estão integradas.

### **A Feira das Iabás: breve descrição etnográfica**

Apesar de a maioria das cidades brasileiras não terem se construído com referências étnicas em seus bairros, algumas cidades são identificadas pela concentração de uma população negra e de associações negras tais como Salvador no Estado da Bahia e Rio de Janeiro no Estado do Rio de Janeiro. A região onde se realiza a Feira das Iabás é conhecida pela presença de associações negras como: o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela e o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, duas grandes e tradicionais escolas de samba da cidade. Observa-se que o mercado se apresenta sensível ao discurso étnico incorporando na propaganda de seus lançamentos imobiliários e urbanísticos referências aos personagens e a musicalidade, representada pelo samba, o que torna o bairro de Oswaldo Cruz “a terra do samba”. A própria prefeitura da cidade tem atribuído nome das lideranças negras as suas ruas e instituições educativas. Além das duas grandes escolas de samba, encontramos o Jongo, as escolas de samba mirins, as associações religiosas e várias expressões de matriz africana,<sup>8</sup> como também festivais gastronômicos como a Feijoada da Portela e musicais como o Trem do Samba que acontece uma vez ao ano no dia nacional do samba, as Festas e os Ensaio das Escolas de Samba que acontecem durante todo o ano. Encontramos também o Mercado de Madureira, um relevante centro comercial de referência para os praticantes das religiões de matriz africana. Lá podemos encontrar lojas de

produtos religiosos importantes para a manutenção dos cultos aos orixás. É de lá que sai a carreta de religiosos, no dia 29 de dezembro, em direção ao bairro de Copacabana na zona sul da cidade para saldar Iemanjá.

Pouco a pouco, devido ao grande número de associações e festas de matriz africana a localidade vem desenhando e imprimindo um “perfil étnico” a suas festas e associações. Lá podemos encontrar eventos, associações, práticas culturais e religiosas. Este conjunto de manifestações da cultura material e imaterial torna a região da Grande Madureira, que abarca o bairro de Oswaldo Cruz, uma referência para a construção da etnicidade afro-brasileira num momento em que a inclusão dos grupos étnico-raciais minoritários faz parte das preocupações do governo e da sociedade civil.

Por iniciativa das exímias cozinheiras (iabás), do músico Marquinho de Oswaldo Cruz e com o apoio da Prefeitura e das lideranças negras locais, a feira acontece. Desde 2012, a festa conta com o apoio da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Ao longo da Praça Paulo da Portela se arranjam 16 barracas chefiadas pelas matriarcas da comunidade. Lá são servidos diferentes pratos da gastronomia popular que remetem à influência africana na culinária brasileira. Conhecidas no mundo do samba e no mundo da religiosidade de matriz africana, as tias cozinheiras estendem suas atribuições socializadoras para além das associações negras, oferecendo para a cidade o cuidado, a culinária e um modelo de participação na vida social que dá poder a mulher negra rompendo com os modelos tradicionais onde a mulher é subalternizada e excluída da vida social. A associação das tias com as orixás femininas nos permite pensar a divisão sexual do trabalho a partir de outros moldes e ultrapassando os papéis sociais destinados à mulher. As cozinheiras são mulheres fortes, alicerces das comunidades locais que ampliam suas ações incluindo a cidade.

A feira acontece na Praça Paulo da Portela nas proximidades encontra-se o Parque de Madureira e o shopping de Madureira. O acesso à Feira se dá com tranquilidade e é facilitado pela diversidade de transportes coletivos que chegam ao local. A Grande Madureira é também conhecida como a “terra do samba” ou o “berço das escolas de samba G.R.E.S Portela e G.R.E.S Império Serrano”.<sup>9</sup> O Parque de Madureira, espaço de lazer criado pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2012, é considerado o terceiro maior parque da cidade destinado ao lazer, à cultura e ao esporte. Cabe observar que tanto o parque quanto a feira transformaram o uso do tempo dedicado ao lazer dos moradores dessa área anteriormente carente de

aparelhos desta natureza e ampliou as alternativas de lazer destinados aos demais moradores da cidade.

São 11 horas da manhã, a Praça Paulo da Portela está tranquila circulam poucas pessoas sendo em sua maioria organizadores e colaboradores da feira. Tanto a segurança quanto a limpeza são garantidas. Os fiscais sanitários circulam pelas barracas verificando as condições de higiene e de preparo dos alimentos. A 54ª delegacia de polícia está localizada próxima ao evento. A presença da delegacia não perturba a dinâmica da feira, ao contrário, oferece mais segurança aos visitantes. Circulam pela feira durante todo o tempo de sua realização, a equipe de segurança e os administradores do evento uniformizados e identificados como a logomarca da Feira. Há lixeiras espalhadas pelo local e banheiros químicos. As barracas estão ordenadas em sequência nos dois lados da avenida. Todas elas ornamentadas nas cores azul e branco onde se pode ver a logomarca da Prefeitura do Rio e da Feira das Iabás. As barracas também exibem os cardápios e o nome da tia ou dona que é responsável por ela. Uma equipe de trabalhadores cuida do atendimento, da feitura dos alimentos e da bebida. Ao lado das barracas um conjunto de pequenas mesas forma e delimita o local das refeições, da conversa e da bebida gelada. Nas mesas há cardápios com a descrição dos pratos oferecidos aos frequentadores. As tias e seus (suas) ajudantes encontram-se uniformizadas trajando gorros que cobrem os cabelos e usando aventais onde está estampado o logo da Feira. Alguns quintais abrem suas portas oferecendo pequenos serviços tais como bebidas, sanitários etc. Encontramos em número reduzido de ambulantes e uma barraca do Grêmio Recreativo Escola de Samba da Portela onde é possível adquirir pequenas lembranças com as cores da associação carnavalesca: bandeirinhas, enfeites femininos, entre outros objetos. O comércio, bares e lojas funcionam sem interromper sua dinâmica.

O palco onde ocorrerá o show, em geral de samba, está sendo montado e o som testado. Pouco a pouco, as famílias vão chegando em busca das iguarias servidas pelas “tias e donas”. O cardápio é bem variado: rabada com angu, feijoada de camarão, cosido de peixe, angu a baiana, mocotó, carré com couve mineira, tripa a lombeira, vaca atolada, roupa velha, a feijoada, caldos e doces. Uma variedade de pratos que remetem a cultura popular com suas diferentes influências regionais e inspiração nas comidas religiosas, as chamadas “comida de santo”. Os preços acessíveis agradam o bolso popular. (GONÇALVES; RIBEIRO, 2006). Silva (2010) destaca o caráter agregador da comida, onde o alimento além de ter um sabor

possui uma tradição ao servir de oferenda a um Orixá. Os quitutes derivados da gastronomia africana saíram dos terreiros e ganhou as ruas e os pratos dos brasileiros. O que se sabe é que os orixás comem o que os homens comem. Assim, as comidas são elementos essenciais e vitais para a transmissão do axé. Segundo a tradição iorubana, dividir o alimento com os deuses é garantir o alimento e a presença deles em nossas vidas. Ao preparar as comidas de santo, devemos observar os tabus de cada um deles os filhos de santo devem observar todas as quizilas dos seus orixás e, sendo parte do orixá, também não podem consumi-las. A Feira realizada nos dias de hoje pode ser interpretada como uma prática que remonta também aquelas realizadas desde o período escravocrata com as chamadas negras de tabuleiro. Assim, essa prática é um grande bem simbólico que revive a tradição africana no Brasil.<sup>10</sup>

Após o almoço em uma das barracas da feira onde comemos um bem servido prato de rabada com agrião e beber copos de cerveja bem gelada tivemos a oportunidade de visitar um terreiro de candomblé que funciona no mesmo endereço onde se realiza a feira. Sem se opor à feira o terreiro se integra a ela abrindo suas portas e comercializando bebidas e comidas. O mesmo comportamento é seguido por outros comerciantes ou famílias locais, isto é, também fazem parte da feira recebendo visitantes, comercializando artigos religiosos ou alimentícios. A vitalidade da feira não impede que os bares da circunvizinhança e demais comerciantes continuem suas atividades. Na entrada desse terreiro havia um pequeno espaço de frente para a entrada principal onde estavam sendo comercializadas bebidas e comidas. Todos se comportam como se a feira estivesse sempre lá. A tranquilidade do ambiente faz com que as pessoas estendam sua permanência para além do almoço entrando pela noite adentro ouvindo boa música.

Nas primeiras horas da feira circulavam: grupo de amigos e famílias atraídos pela comida fresca e saborosa que começa a ser servida nas barracas. A presença de negros é visível. Usando roupas leves, desfilam pela feira aparentando encantamento com o lugar e com a musicalidade. Conforme foi entardecendo, foram chegando mais pessoas que pareciam estar ligadas ao mundo do samba, mulheres elegantes usando sapatos de saltos altos e homens também bem trajados. A troca de bens simbólicos continua. As pessoas conversam, dançam, trocam informações, criam novas relações sociais e fortalecem as antigas. Em cada edição da feira há a apresentação de grupos musicais e cantores diferentes. Em geral, grupos de samba animam a Feira durante seu funcionamento. Nesse dia, ela foi animada pelo grupo

musical Velha Guarda do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano. Cabe informar que as velhas senhoras “tias e donas”, podem também ser integrantes dos grupos musicais chamados de Velhas Guardas Show que agregam velhos sambistas das escolas de samba e participam de apresentações nacionais e internacionais divulgando o nome da associação carnavalesca como também gênero musical (o samba) mundo afora. As velhas guardas das escolas de samba cariocas já foram premiadas em eventos internacionais como o Grammy Award.<sup>11</sup>

A noite chega, música contagia todo o ambiente o perfil dos frequentadores muda pouco a pouco. Agora, são casais, jovens e adultos desacompanhados ou em grupo a procura de diversão e boa comida. O bate papo, a música, e as bebidas geladas estimulam a sociabilidade entre a população noturna. Em frente ao palco há espaço livre onde se pode dançar. Grupos de sambistas conhecidos do grande público e iniciantes animam a noite. Durante todo o tempo as pessoas sobem e descem a rua como uma passarela. Entre as barracas, em frente ao palco, nas mesinhas em torno das barracas é local onde a sociabilidade se estreita, onde encontram conhecidos e estabelecem novas relações. Come-se bem, houve-se boa música e fala-se de samba e dos próximos eventos da Grande Madureira, ou seja, a feira é também um lugar de troca de bens simbólicos. Unir um evento contemporâneo, a Feira das Iabás, com as referências iorubanas nos permite romper com a divisão sexual do trabalho e com separação entre passado, presente e futuro presentes na sociedade contemporânea. A Feira das Iabás nos permite pensar como o passado se apresenta contido no presente e nos arquétipos fornecidos pelos orixás femininos oferecendo, assim, uma perspectiva diferente do papel feminino dominante na sociedade contemporânea. Tia Surica, Dona Nênem, Dona Neide, entre outras são iabás, cozinheiras, mulheres fortes e lideranças de associações comunitárias religiosas e negras.

A Feira das Iabás, em 16 de novembro de 2014, teve sua primeira edição fora da Grande Madureira. A Feira da Iabás foi realizada excepcionalmente na Cidade das Artes na Barra da Tijuca, atendendo ao convite da própria fundação em virtude de comemoração do dia da consciência negra (20 de novembro).

A Cidade das Artes fica localizada na Avenida das Américas, 5300 na Barra da Tijuca, zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.<sup>12</sup> Esta região é ocupada por moradores das classes médias da cidade. O prédio foi erguido a dez metros do chão e abriga um grande espaço de possibilidades de apresentações artísticas como música, canto, teatro, cinema, dança e artes plásticas. Se inicialmente o projeto era

a criação da Cidade da Música posteriormente foi ampliado para atender os projetos culturais da cidade. O acesso ao local pode ser via transporte público e privado contando com um amplo estacionamento com capacidade para 750 automóveis. Assim, a Feira das Iabás sai de uma localidade popular da cidade, local de moradia de trabalhadores de baixa renda e acontece numa região destinada às classes média da cidade.

A saída provisória da feira de um subúrbio popular provocou reações diversas. Segundo comentários postados na rede social “Facebook” alguns dos participantes de Feira, que curtem a fanpage do evento na internet, não deixaram de expressar suas opiniões positivas ou negativas. Com mais de duzentos comentários a respeito da mudança de local da feira, alguns a favor outros contra, o fato é que a Feira aconteceu. As tias estavam lá cheias de alegria e prontas a nos servir com suas delicias culinárias. Música também não faltou, Marquinhos de Oswaldo Cruz recebeu os músicos convidados. Citaremos algumas das opiniões postadas:

- A Barra da Tijuca? Cidade das Artes? A próxima vai ser no Teatro Municipal?

- O evento será gratuito ou terá venda de ingressos? Onde comprar, haverá um site para compra? Estacionamento ou telefone para mais informações?

- O preconceito começa a partir do momento em que as pessoas tentam segregar. Por que não a Barra? Por que somente no subúrbio carioca? Todos têm direito a cultura, ao invés de lamentarem a Feira ser na Barra hoje, fiquem felizes. Vamos levar a cultura afrodescendente para lá.

Na verdade, para uns, pareceu uma heresia a transferência do local de realização da Feira. Para outros, tratava-se de uma divulgação, valorização e difusão desse Festival. Apesar das críticas ocorridas na rede social Facebook, a feira teve boa aceitação do público que foi a Cidade da Música. Esse acontecimento parece ser um indicativo da extensão da rede criada tanto pela comida quanto pela musicalidade de matriz africana, hoje incorporada na cultura popular tanto da cidade quanto da nação brasileira.

Além das atividades lúdicas as associações carnavalescas servem de local de sociabilidade desenvolvendo encontros e festivais; projetos sociais no campo do esporte, da cultura, do ensino, da profissionalização e servindo de referência para a comunidade para além das festividades do carnaval funcionando durante todo o ano (GONÇALVES, 2003). Nelas, durante a década de 1960 foram criados

departamentos femininos que servia para reunir as mulheres e consolidar sua participação nas associações. Outro fenômeno observado foi a criação de associações derivadas das grandes escolas, ou seja, foram criadas ao longo do século XX associações derivadas e vinculadas a associação de maior porte, tais como associação da velha guarda, das escolas mirins, das baianas etc. Observa-se também a criação de festas populares que acontecem ao longo do ano como shows de samba, ensaios das Escolas de Samba, encontros gastronômicos como a Feijoada da Portela, o Dia Nacional do Samba e a Feira das Iabás que reúnem os moradores advindos de todos os bairros da cidade. Esses exemplos citados acontecem na Grande Madureira, subúrbio carioca que assume destaque na história do samba por encontramos associações, terreiros e festivais que celebram as manifestações culturais de matriz africana.

### **O passado está contido no presente**

Para os iorubás o tempo é entendido como cíclico, tudo o que acontece é repetição. O envelhecimento faz parte de ciclo necessário para a renovação da natureza. Aquilo que nos acontece hoje e que está prestes a acontecer no futuro imediato já foi experimentado antes por outro ser humano, por um antepassado, pelos próprios orixás. O passado está contido no presente, ou seja, ele não é algo que se foi ele está vivo no presente. O tempo presente é construído de instantes do passado. Desse modo, mundo dos orixás está conectado com o mundo dos homens. E assim a Feira das Iabás pode ser interpretada como continuidade e não como uma recriação do passado.

De acordo com Prandi (2002), segundo a tradição iorubana, cultuamos cerca de vinte orixás no Brasil. Em África encontramos centenas. Cada orixá é responsável por uma porção do mundo, zelando por uma parte específica da natureza e controlando aspectos do ser humano e das relações sociais. As iabás, orixás femininos, nos fornecem arquétipos femininos. Durante as cerimônias, os orixás se manifestam no corpo de seus filhos espirituais por meio do transe. Na roda dos homens e dos orixás ambos dançam juntos para comemorar a união dos homens como seus deuses. Ainda segundo Prandi (2002) os orixás femininos são: Iemanjá, Nanã, Oxum, Iansã ou Oiá, Obá e Euá.

Iemanjá é a deusa dos grandes rios, do mar e da maternidade. Venerada

como mãe dos orixás, dos seres humanos e dos peixes. Os filhos e filhas espirituais de Iemanjá são bons pais e boas mães, sempre superprotetores. Nanã é a deusa da terra, da lama, do fundo dos lagos, dos pântanos. Os filhos espirituais de Nanã são pessoas protetoras que gostam de ensinar. Oxum é a deusa da água doce, do ouro, da fertilidade e do amor. Senhora da vaidade. Os filhos e filhas de Oxum são atraentes, sedutoras e orgulhosas de sua beleza. Iansã ou Oiá é a deusa dos raios, dos ventos e das tempestades. Os filhos de Iansã são brilhantes, independentes, espalhafatosos e corajosos. Obá é a deusa de rio. Protetora do lar e guerreira quando necessário. Suas filhas espirituais são ótimas cozinheiras e donas de casa; e Euá é a deusa das fontes. Os descendentes espirituais de Euá são ótimos pais e mães. Cada orixá é responsável por uma porção do mundo, zelando por uma parte específica da natureza e controlando aspectos do ser humano e das relações sociais.

O simbolismo da roda presente nos cultos afro-brasileiros, ou melhor, dizendo, as redes ampliadas e formadas a partir da casa pode nos auxiliar a entender a expansão dos circuitos de solidariedade e reciprocidade promovida pelas associações de matriz africana. Tomamos como exemplo as escolas de samba, a primeira foi criada em 1927. Desde então, as escolas de samba na cidade do Rio de Janeiro vêm aumentando em número chegando, no final dos anos 1990, a aproximadamente uma centena. Nessa progressão e expansão, o quintal surge como o espaço privado que se amplia em direção à rua, à comunidade, à cidade. Os limites entre o público e privado ficam tênues, as relações de parentesco, tio / tia, irmão / irmã, se estabelecem para além dos laços de relações consanguíneas. A tia Ciata foi e a tia Surica é tia. Elas são tias de toda a cidade, de toda a gente. Assim a tradição afro-brasileira vivida por todos os moradores da cidade e as tias tornam-se tias de todos respeitadas na cultura étnica e popular da cidade. Assim, a musicalidade, a religiosidade, a culinária ganham as ruas e conquistam o gosto popular. São verdadeiros fatos sociais totais, de acordo com Mauss (1974) por conectarem as pessoas em redes de reciprocidade e solidariedade.

### **Considerações finais**

Observamos que em todas as narrativas as “tias e as donas” desenvolvem um papel determinante na manutenção da tradição por meio do desenvolvimento de atividades anônimas ou não que podemos incluí-las no que chamamos do “cuidado”

nas associações lúdicas e/ou religiosas, por exemplo: a recepção aos visitantes, o acolhimento dos associados, a gastronomia, os rituais religiosos, a educação das crianças e jovens, a organização das festas, enfim fazer andar a vida cotidiana das associações.

Atualmente, os quintais são revividos no Dia Nacional do Samba. Nesse dia, 2 de dezembro, vários grupos de samba saem da estação ferroviária no centro da cidade do Rio de Janeiro em direção a Oswaldo Cruz, bairro que pertence à região ampliada que chamamos de Grande Madureira. Lá, além de shows com artistas ligados ao samba, moradores abrem seus quintais para a realização de pagodes acompanhados de muita comida e bebida. Este evento já faz parte do calendário de festivais da cidade do Rio de Janeiro.

A Feira das Iabás nos apresenta alguns traços da cultura iorubá que se hibridizaram com práticas e relações cotidianas de nossa sociedade. Não se trata de uma reprodução de um passado remoto, e sim de novos arranjos que desenham e informam as referências de matriz africana neste festival. Como descrito em *A cidade das mulheres* de R. Landes (2002) o candomblé no Brasil contraria a visão corrente de que a dominação masculina é vigente na sociedade brasileira como um todo. As religiões de matriz africana são um bom exemplo do empoderamento feminino, expondo, assim, uma fratura de gênero. Considerar a Feira das Iabás com suas referências religiosas, em alguma medida, recupera o papel feminino desempenhado nas feiras iorubanas.

Nesse início de século XXI no Brasil onde as políticas que valorizam o legado dos afro-brasileiros estão em curso, a Feira das Iabás e outros eventos dessa natureza têm como uma de suas funções a construção de memórias que contribuam para a etnicidade desses grupos agindo como instrumento de fortalecimento desses na esfera política. A feira pode ser entendida não como um lugar somente de diversão, mas sim como o lugar de preservação e difusão de memórias e da construção de redes de solidariedade e reciprocidade que se constroem alicerçadas e reforçadas pela gastronomia, pela musicalidade e pela ancestralidade. Cabe salientar que o processo de patrimonialização é um ato político, dinâmico e relacional envolvendo vários atores com interesses diversos tanto do estado quanto da sociedade civil. Envolve releituras de antigas / novas práticas, apropriações / desapropriações e significações / resignificações entre outros processos. Assim, cada caso assumirá uma dinâmica particular em um determinado contexto. Este festival tem como funções: a promoção da sociabilidade,

a valorização da identidade e da cultura dos afro-brasileiros além do empoderamento das lideranças negras da comunidade. Por meio da comida, essas matriarcas estendem os laços de solidariedade e reciprocidade para além da comunidade por meio da comida, do cuidado e da musicalidade. Podemos observar na Feira das Iabás a presença de vários atores: a Prefeitura, lideranças comunitárias, artistas e moradores da cidade. Se por um lado, as políticas de reconhecimento do patrimônio cultural oral e imaterial valorizam as práticas de grupos sub-representados na sociedade brasileira. Por outro, não garante suporte material para sobrevivência de seus produtores. A cultura imaterial é preservada, no entanto seus agentes não, deixando assim de garantir a permanência e a continuidade do festival.

A feira das Iabás nos permite pensar a intersecção entre: alimentação, patrimônio, cultura étnica, e os conhecidos marcadores sociais da diferença produtores de desigualdades: gênero e raça para entendermos o processo de expansão de uma rede que se conecta pela comida. A matriz africana presente nas referências aos orixás e ao ofício de cozinheiras perpetuam marcas das comunidades ancestrais africanas no presente, servindo de modelos para essas lideranças negras. A culinária afro-brasileira, interpretada como a dádiva que circula (MAUSS, 1974) nos permite pensar o papel das Iabás (cozinheiras) no compartilhamento do alimento na localidade e na cidade fortalecendo as relações de parentesco não consanguíneos para além da localidade. As tias (cozinheiras) são tias de todos nós.

## NOTAS

1. Adotamos, como abordagem teórica o conceito de Fato Social Total, fato com múltiplas dimensões: culturais, econômicas, sociais, política, etc, foi elaborado por Mauss em *O ensaio sobre a dádiva* (1974). Assim, a feira foi considerada um fato social total capaz de reunir a comunidade e estranhos em extensas redes de solidariedade e reciprocidade por meio das ações das lideranças negras, as cozinheiras da feira.
2. Elias (2004) discute a construção da feijoada como prato nacional lançando dúvidas sobre sua origem. Para ele, trata-se de uma tradição europeia trazida pelos portugueses, ou seja, um prato da Casa Grande e não da Senzala. Uma das referências mais antigas que se conhece à feijoada em restaurantes está no Diário de Pernambuco, de 7 de agosto de 1833, no qual o Teatro do Recife, informa que às quintas-feiras seria servida “feijoada à brasileira”. Aponta ainda para o fato de ser um prato em construção que é preparado de maneira diferente nas diferentes regiões do país.
3. O levantamento das instituições negras da Grande Madureira e as pesquisas realizadas no local fizeram parte do projeto sobre a Grande Madureira, desenvolvido pelos pesquisadores do Museu AfroDigital Rio de Janeiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre 2014-2015, com

recursos da FAPERJ e Minc/UFPE. Disponível em: <[www.museuafrorio.uerj.br](http://www.museuafrorio.uerj.br)>. Ver: RIBEIRO, 2019.

4. Conforme Cacciatore (1988), o termo yabá significa auxiliar das iaôs em transe nos changôs do nordeste do Brasil e também ilais. O mesmo que ekêdi na Bahia. Denominação de iabassê, chefe da cozinha ritual dos orixás. No plural, nome genérico para designar as senhoras das águas, ou orixás femininos das águas.
5. Segundo Hall, o conceito de identidade não é um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. Assim, concluímos que as manifestações culturais podem ser interpretadas como pertencentes a um determinado grupo étnico, identidade na pós modernidade.
6. Paulo Benjamin de Oliveira (1901-1949), sambista brasileiro apelidado de Paulo da Portela, em referência a Estrada da Portela e ao GRES da Portela, fundada em 1923 por ele e outros sambistas.
7. Conforme Cacciatore (1988), o termo iorubá significa povo sudanês que habita a região de iorubá (Nigéria, África Ocidental), que se estende, de Lagos para o norte, até o rio Niger. O tráfico transatlântico trouxe africanos iorubás para serem escravizados no Brasil no século XVIII até XIX.
8. O Jongo no Sudeste é uma forma de expressão afro-brasileira. É praticado nos quintais das periferias urbanas e em algumas comunidades rurais dos Estados do sudeste brasileiro: Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O jongo é também conhecido como caxambu ou corimá. O Jongo praticado na Grande Madureira conhecido como o Jongo da Serrinha em referência a uma comunidade da Grande Madureira, a Serrinha. Em 2005, o jongo no Sudeste foi tombado como patrimônio cultural nacional pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN). A escolas de samba mirim é um tipo de organização recreativa e cultural, semelhante a uma escola tradicional e vinculada a ela, mas voltada para crianças e jovens até 18 anos e, geralmente, os dirigentes desenvolvem trabalhos sociais voltados para a inclusão de crianças e jovens. Na Grande Madureira, que compreende o bairro de Oswaldo Cruz e arredores, podemos encontrar várias associações religiosas de matriz africana entre elas destacamos os terreiros de candomblé e de umbanda como também terreiros traçados que misturam diversos rituais.
9. Todas as associações carnavalescas recebem o título de Grêmio Recreativo Escola de Samba – GRES.
10. O ofício das baianas do acarajé foi reconhecido como patrimônio nacional em 2005 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), legitimando, desse modo, tanto uma prática de sobrevivência pela vida quanto um legado da cultura afro-brasileira.
11. O Grammy Award é o prêmio da indústria musical internacional presenteado anualmente pela National Academy of Recording Arts and Sciences dos Estados Unidos.
12. O complexo cultural “Cidade das Artes” foi aberto ao público em 2013. Uma obra que representa a arquitetura pós-moderna foi planejado pelo arquiteto francês Christian Potzamparc. Possui em suas instalações: a Grande Sala com capacidade para 1250 pessoas, o Teatro de Câmara, com 450 lugares, a Sala da Música Eletroacústica, as salas multiuso, a sala de exposições, as salas de ensaio, cinemas, restaurante, lojas, bistrô, amplas áreas externas cobertas ao lado do grande espelho d’água no térreo e no primeiro andar, e mesmo as arquibancadas construídas ao longo das escadas que levam um futuro restaurante, são atraentes locais de circulação e permanência do público. Nessas áreas cobertas são realizadas performances, exposições, espetáculos abertos, bailes e eventos infantis.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDO, T. O candomblé e o poder feminino. *Rever*, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 1-21, 2005.
- CACCIATORE, O. G. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- ELIAS, R. Preferência nacional. *Nossa História*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 34-37, 2004.
- GONÇALVES, M. A. R. *O candomblé e o lúdico*. Rio de Janeiro: Quartet. 2007

\_\_\_\_\_. *A Vila Olímpica da Verde e Rosa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, A. P. A. Mais que feijoada e samba: notas sobre a cultura negra brasileira. In: LEITÃO, Débora Krische; LIMA, Diana Nogueira de Oliveira; PINHEIRO MACHADO, Rosana (Org.). *Antropologia & consumo: diálogos entre Brasil e Argentina*. Porto Alegre: Age, 2006, p. 47-64.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LANDES, R. *Cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

MAUSS, M. O ensaio sobre a dádiva. In: *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: EPU, 1974. v. 2.

MINTZ, S.; PRICE, R. *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas. 2003.

PRANDI, R. *Contos e lendas afro-brasileiras: a criação do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ifá: o Adivinho – histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RIBEIRO, A. P. A; CID, G.; VARGUES, G. (Org.). *Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na Região da Grande Madureira*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SLENES, R. W. *Malungu, Ngoma vem! África encoberta e descoberta no Brasil*. Luanda: Ministério da Cultura, 1995.

\_\_\_\_\_. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações da família escrava*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011.

SILVA, V. S. da. *A roda das donas: a mulher negra no candomblé*. Rio de Janeiro, 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

VERGER, P. A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil. In: *Culturas africanas*. São Luis, MA: UNESCO, 1986.

**Maria Alice Rezende Gonçalves** é Professora do Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, Brasil. Pós-Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, França e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Saúde Coletiva pela UFRJ e Mestre em Ciências Sociais pela UERJ. É Graduada em Serviço Social, em Pedagogia e em Ciências Sociais; todas pela UERJ. Bolsista do Programa de Incentivo a Produção Científica, Técnica e Artística (PROCIÊNCIA / FAPERJ).

**Como citar:**

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. A Feira das Iabás em Madureira / Rio de Janeiro: comida, música e cultura afro-brasileira. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 1, p. 200-219, jan./jun. 2019. Disponível em: <[pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br)>.